

**XIV Jornadas sobre a função social do museu -
Ourém 2002**
Alfredo Tinoco

(discurso de abertura das XIV Jornadas
proferido por Alfredo Tinoco, Presidente
do C. A. MINOM)

Há já quinze anos que iniciámos estas Jornadas
Sobre a Função Social do Museu.

É muito tempo.

Um levantamento sumário, que seria fastidioso
estar agora a enumerar, revelaria que por aqui
passaram quase todos os grandes temas e os
problemas que estão em debate na museologia
portuguesa e na internacional.

Desta vez cabe-nos a tarefa de contribuir para a
reflexão sobre os museus locais e os espaços naturais
sob o lema de Patrimónios e Identidades. Creio que esta
aliança não é ocasional, antes, é cheia de sentido.
Trata-se de pensar o espaço e o tempo natural e
humano.

Cada vez mais é mister harmonizar a História
Natural e a História Humana, integrar as coisas do
Homem e as coisas da Natureza.

Por outro lado, esta tem sido uma preocupação
central da museologia de cariz novo que defendemos.

Desde o final dos anos 40 que Georges Henri
Rivière se preocupou com estes problemas e que lhes
foi encontrando soluções práticas até se chegar no final
dos anos 60 ao conceito de Ecomuseu.

Do mesmo modo um dos textos matriciais da Nova Museologia – a Declaração de Santiago, refere explicitamente esta problemática de afastamento do Homem e da Natureza e aponta para ela soluções.

Cumpre-nos, pois, debruçarmo-nos sobre a nossa realidade, sobre as nossas especificidades culturais e contribuir para este debate.

Sabemos hoje os parâmetros em que nos movemos: em primeiro lugar o da abertura à interdisciplinaridade e nada melhor do que este palco humano e natural em que nos encontramos para praticar o diálogo interdisciplinar com que todos ficamos a ganhar; depois, a consciência da territorialidade do Museu e, finalmente, a participação das populações num sistema museográfico integrado em que os saberes e as expressões circulem livremente. Este museu novo é, afinal, um apelo à libertação do mundo fechado do museu convencional mas igualmente um apelo à libertação do mundo globalizado de sentido único em que a nossa cultura e as nossas especificidades locais não têm lugar.

Conhecemos também os vectores fundamentais da nossa acção. O Museu Novo trabalha com a memória colectiva que é uma história ainda quente mas que diz respeito à população que nela está implicada. Trabalha igualmente com os patrimónios que a população cria ou de que usufrui e com os saberes de que é portadora.

Pouco depois da Mesa Redonda de Santiago, Rivière dizia que “doravante, o museu tem de inverter o seu vector temporal, cujo ponto de partida se situa num qualquer momento do passado, mas cuja extremidade,

como a ponta de uma flecha, chega ao presente e o ultrapassa mesmo, para atingir o futuro”.¹

Uma palavra final sobre os suportes deste movimento dos museus, porque é de um movimento que se trata, ou seja de acção + as colectividades + desejo de mudança.

Acção de colectividades para a mudança.

Um movimento destes tem de ter suportes em si próprio, nas próprias colectividades, na vida associativa.

Mas merece o apoio dos organismos estatais, do Governo e das instituições especializadas. E mereceu, e tem tido, o apoio das autarquias que emanam das comunidades e existem para as servirem. E aqui dou os meus parabéns às autarquias que por esse país fora têm apoiado, porque lhe reconhecem o mérito e a utilidade, as Jornadas Sobre a Função Social do Museu ao longo destes quinze anos. Hoje, especialmente cumpre agradecer à Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém o trabalho que desenvolveu para que pudéssemos estar aqui a reflectir sobre o tempo e o espaço do Homem e da Natureza.

BEM HAJAM!

Não queria terminar sem vos dar uma notícia e fazer um apelo:

Tudo se encaminha para que no próximo ano o Atelier do Movimento Internacional para uma Nova Museologia tenha lugar em Portugal conjuntamente com XV Jornadas Sobre a Função Social do Museu.

¹ Georges Henri Rivière, *Muséologie Générale Contemporaine*. Leçon 1. 1974. In “La Muséologie selon Georges Henri Rivière”, Paris, 1989.

Apelo a todos para que nos organizemos de modo a receber da melhor maneira os nossos companheiros de todo o mundo.

Apelo à Secção Portuguesa do MINOM que continue a honrar como sempre tem feito, os valores estatutários da solidariedade e da cooperação internacionais de modo a que IX Atelier Internacional de Nova Museologia seja um sucesso.